
QUANDO EU VIVIA E MORRIA NA CIDADE, EU NÃO TINHA NADA, NADA A TEMER: O SILÊNCIO MUSICAL NAS CIDADES EM 2020

WHEN I LIVED AND DIED IN THE CITY, I HAD NOTHING, NOTHING TO FEAR: THE MUSICAL SILENCE IN CITIES IN 2020

PAULO CELSO DA SILVA
Universidade de Sorocaba

Resumo: Fevereiro de 2020. As cidades européias começam a sentir os primeiros sinais da pandemia. O que parecia ser restrito às cidades asiáticas, rapidamente espalha-se e em poucas semanas pelo mundo. Com Cidadãos e cidades despreparados, refugiar-se nas casas, é a única maneira de conter a propagação, ainda maior, do vírus Covid19. O silêncio toma conta das ruas, praças, avenidas que, solitárias, algumas são tomadas por animais. Este trabalho, misto de experiência pessoal, contribuição de músicos com seus depoimentos, teorias, ensaia uma reflexão do cotidiano urbano e sua sonoridade. Apropria-se da canção de Albert Plà, ¿Os acordàis? para uma reflexão poética do momento vivido e uma releitura gráfica da canção.

Palavras-chave: cidade; pandemia; Albert Plà; silêncio musical; cotidiano.

Abstract: February 2020. European cities are beginning to feel the first signs of the pandemic. What seemed to be restricted to Asian cities, spreads rapidly and in a few weeks around the world. With unprepared citizens and cities taking refuge in homes, it is the only way to contain the even greater spread of the Covid19 virus. Silence takes over the streets, squares, avenues that, lonely, some are taken over by animals. This work, a mixture of personal experience, contribution of musicians with their testimonies, theories, rehearses a reflection of urban everyday life and its sound. He appropriates Albert Plà's song, ¿Os acordàis? for a poetic reflection of the moment lived and a graphic reinterpretation of the song.

Keywords: city; pandemic; Albert Plà; musical silence. daily life.

1 O COTIDIANO

O ano de 2020 nos traz lembranças de cifras de contágio, estatísticas diárias de mortes por lugares, países e a soma global. não importa a escala, há números para acrescentar. Um ano a nos ensinar que a vida é finita para todas as espécies vivas, mesmo que a espécie que se autointitula racional, queira acreditar na sua imortalidade ou na não factibilidade desse acontecer natural.

Natural também em nosso cotidiano, as várias vozes e cores que nos rodeiam e nos trazem sentimentos e sensações. Neste ensaio, tomamos a liberdade sinestésica de utilizar cores diferentes para as diversas vozes que nele se apresentam. Assim, coadunado com a tabela “Correspondência entre escala cromática e gama de cores de Castel”, indicada por Caznok (2003, p.37), para o qual cores e sons compunham uma totalidade da qual participamos, muitas vezes sem dar-nos conta. Para os leitores proponho que o **marrom** (Nota FA suspenso) serão citações literárias; em **roxo** as musicais (Nota Si); em **azul** as fílmicas (nota Dó), uma vez que das cores mais claras para o branco correspondem os sons agudos, das cores mais escuras até o preto correspondem as notas graves. Em termos musicais, teríamos o acorde de C Maj7 (#11) que pertence ao campo harmônico do modo Dó Lídio, que é, de todos os modos, o com mais brilho.

Pois, 2020 foi um ano para retornar coisas que ficaram distantes em nosso cotidiano. Como o caos original, o qual nos conta Hesíodo em sua Teogonia, afirmando que foi o primeiro a nascer, “é uma figura totalmente delineada, pouco personificada (já que pelo menos tem descendência), e que não consiste naquele turbilhão de matéria informativa que costumamos imaginar” (CAOS). Ou seja, originariamente não havia caos no Caos, mas o vazio. Assim, o Caos

É um termo educado, mas inteligente, que povoou densamente nossa literatura e linguagem desde Dante: a impressão do caos como desordem universal, suas origens nobres como só uma ancestralidade grega pode ser, junto com seu nome quase pessoal, paradoxalmente conseguem dar-lhe uma ordem, uma identidade. É aí que reside o seu poder: é uma palavra que consegue (ou talvez pretenda alcançar) sustentar o que é totalmente sem padrões, imprevisível, impenetrável e de vitalidade original - muito acima da desordem burocrática, a mera confusão (CAOS).

Vivemos dias de introspecção física e, em muitos caso, mental. Reclusos em casa e mergulhados nesse Caos, no vazio a ferir nossa racionalidade, sedenta de ter domínio e explicar tudo e não conseguir. Ao mesmo tempo, colocou-nos diante de nossos entes em tempo integral que, até então, eram momentos reservados e específicos dos dias de rotina que, talvez erroneamente, víamos como nosso normal e passamos a querer um “novo normal”. Outra vez na ânsia e desespero de racionalizar e retornar o controle, o qual acreditamos ter.

O cotidiano, pela sua repetição, sua rotina, nos consola no presente e, nos remete à metafísica de Schopenhauer em que “toda a nossa existência é fundamentada tão-somente no presente – no fugaz presente. Deste modo, tem de tomar a forma de um constante movimento, sem que jamais haja qualquer possibilidade de se encontrar o descanso pelo qual estamos sempre lutando” (SCHOPENHAUER). O autor prossegue refletindo seu momento do século XIX e, diante dos acontecimentos, identificamo-nos com suas palavras, na sensação de que nos foram ditas propositadamente. As palavras já não nos consolam mais e ferem a mente: “Nossa existência é marcada pelo desassossego. Num mundo como este, onde nada é estável e nada perdura, mas é arremessado em um incansável turbilhão de mudanças, onde tudo se apressa, voa, e mantém-se em equilíbrio avançando e movendo-se continuamente, como um acrobata em uma corda – em tal mundo, a felicidade é inconcebível” (SCHOPENHAUER).

Mas, não queremos acreditar que “Nenhum homem jamais se sentiu perfeitamente feliz no presente; se acontecesse, isso o envenenaria” (SCHOPENHAUER).

Conforme os dias transcorrem, o silêncio toma conta dos lugares. Então, sinônimo de identidade das pessoas com seus espaços. No Caos -Vazio, reflete-se a possibilidade de que o silêncio das cidades seja o silêncio das identidades. Telejornais informam, assustados, de animais silvestres a passear pelas cidades de nosso orgulho globalizado: macacos pelas ruas de LopBuri (Tailândia); um puma em Santiago (Chile); Javalis em Barcelona (Catalunha, Espanha); búfalos e pavões em Nova Deli e 150 mil flamingos em Mumbai (Índia); ovelhas em Sansum (Turquia); cabras em Llandudno

(país de Gales); um urso pardo em Oruense (Galícia, Espanha); água-viva nas límpidas águas dos canais de Veneza (Itália). E Arnaldo Antunes (1996) cantava ao longe:

...antes de existir a voz existia o silêncio
o silêncio
foi a primeira coisa que existiu
um silêncio que ninguém ouviu...

Nós contemporâneos, crentes na dualidade barulho – silêncio. E o silêncio soava negativo e para ser negado. Para ser considerado, como sugere Orlandi, o espaço entre falas, aquele em que “o silêncio escorre por entre as tramas da fala” (ORLANDI, 2002, p.34). Pois essa autora quer que a fala organize o silêncio, já que ele é disperso. Ou seja, não sabemos, ou não queremos usar o silêncio para além do mero ato de falar. Seja esse falar em artigos, facebook, whatsapp, Twitters. E no auge da pandemia que nos assola, ainda era necessário organizar o silêncio? Organizar animais que passeavam pelas ruas despreocupados com a busca, com a voz, com os sons dos maquinários humanos ? O canto e a guitarra flamenca de Vicente Amigo (2000) cortam o ar, povoado de sons de ambulâncias e bombeiros:

ciudad de las ideas
donde paso algunas noches
encerrado en el silencio de los monjes.
ciudad de las ideas
yo me baño por la tarde
y me empapo de la sal de tus detalles.
si es que las palabras se las lleva el aire
que las mias se la lleve hasta tu calle.

Os monges remetem ao filme de Philip Gröning, El gran Silencio, no qual repetição, ritmo e silêncio agridem o espectador pela sutil leveza do cotidiano dos Monges no Couvent de Grande Chartreuse (França). “Em 1984 o diretor Philip Gröning pediu autorização da Ordem dos Cartuxos para rodar. Dezesseis anos depois recebeu um telefonema. Havia chegado a hora” (GRÖNING, 2005).

Aqueles que vivem perto do mar, ouviram o mar, a voz do planeta Terra com o Cosmo. Lembrando que “ao rugido do abismo, nada é comparável. É a imensa voz bestial do mundo” (HUGO, 2019, p. 109).

Dessas referências do cotidiano, músicos perguntados e perturbados, pelo silêncio das cidades, nos oferecem uma amostra do seu [sobre]viver a ele. Por meio digital nos contaram:

Falas do silêncio – PSIA¹ – PSIU !

Thífani Postali - Guitarrista e Professora em Sorocaba/ SP

De repente tudo parou e o silêncio da cidade apareceu. Pela manhã os pássaros parecem cantar com mais força, mas a verdade é que seus sons deixaram de ser ofuscados pelos barulhos dos carros, das obras e do vai e vem de pessoas apressadas. A noite, outros sons surgiram, esses nunca percebidos e ainda não identificados...

É possível ouvir o barulho das folhas das poucas árvores que resistem a paisagem de concreto, que balançam alegremente com o vento, e até mesmo do vento que sopra a sujeira da cidade vazia.

A vida humana está em alguns locais específicos da cidade, entendidos como essenciais. Nos hospitais e nos supermercados, a vida parece ter acelerado ainda mais; nas casas, dependendo da rotina, é possível ouvir os sons dos relógios, dos eletrodomésticos e dos computadores que se tornaram essenciais para o trabalho de muitos e as janelas para a vida lá fora. Os sons das teclas, por vezes, substituem os sons das vozes. Na cidade, o silêncio que prevalece é o provocado pela cultura humana, do resto, os sons da natureza parecem ganhar mais vida.

Ao contrário do que se imagina, o silêncio da urbe provoca mais tensão a quem sempre foi acostumado com o barulho frenético da cidade. Carros e motos em alta velocidade, buzinas e, especialmente, sons de ambulância fazem o coração acelerar, sendo possível ouvi-lo. O movimento de pessoas, tensas, nas ruas, também faz os batimentos acelerarem. Sinto falta das reuniões de pessoas sorrindo, ao final do dia, nas ruas badaladas ou parques. Os significados dos sons da cidade mudaram, pelo menos em tempo de pandemia.

Henrique Autran Dourado - Regente e Professor em São Paulo

O som é prata, o silêncio é ouro", disse Beethoven, repetindo um dito popular alemão. Não tenho problema com o silêncio, admiro-o como à natureza. Mesmo porque não há um silêncio absoluto, se nos isolarmos em uma câmara à prova de som, ouviremos um grave, nosso sistema circulatório e batimentos cardíacos, e um agudíssimo, do sistema nervoso. Como tenho uma moderada perda auditiva (PAIR) por causa de orquestras, levei de prêmio o tinnitus, que é um som agudíssimo que só eu ouço, e no silêncio. Temo apenas sons automotivos, das ruas, o trânsito, gente gritando nos ambientes, que causam lesões neurossensoriais.

¹ PSIA é o nome de um livro de Arnaldo Antunes.

Mauricio de Gusmão Nogueira - Violinista e Professor em Sorocaba/ SP

Durante esse período de pandemia, que a gente presenciou o silêncio na cidade, nas ruas, em todos os lugares, me senti bastante ruidoso em meu interior pelos muitos questionamentos que surgiram, porque eu via que o silêncio que se formava na matéria, nos espaços físicos era apenas o reflexo do silêncio existencial interno de cada ser, da aceitação passiva sobre nossa função social que de repente ficou anulada. Realmente temi meu silêncio, algo que de início senti, mas acho que inconformados que somos logo essa revolução sonora, de todos os lados começou a brotar dentro não só de mim mas de muitos que estavam em minha volta e acabou se refletindo em nossos meios comunicantes. Acredito que a resposta de todos foi muito imediata e está sendo muita positiva. A poesia, o lirismo, a técnica para a expressão de do sentimento sobre essa realidade que estamos vivendo tem sido ferramentas muito importantes para mim, até para conseguir viver em harmonia diante de tanta contrariedade.

Voilà Marques – contrabaixista Sinfônica no Rio de Janeiro

Parabéns pela ideia do texto, Paulo Celso! Infelizmente, não estou podendo assumir um compromisso de escrever ou de qq coisa, pq tenho andado muuuito enrolada... Na realidade, estou trabalhando mais e recebendo menos, agora na pandemia. Essa semana, por exemplo, tenho que gravar e entregar 11 vídeos, e ainda revisar 3 textos que escrevi, fora burocracias que precisam ser resolvidas essa semana de as jeito, e mais os afazeres da minha casa e da dos meus pais... Pra piorar, tive uma subida linda de pressão essa semana. Olha, pra muitos músicos, essa pandemia está sendo um momento de experiências novas com os programas de edição e, às vezes, uma movimentação ansiosa de não deixar a Música ser esquecida ou ser tragada e deixada de lado, com tantas preocupações. Por outro lado, quem já lidava de alguma forma com recursos da Internet, talvez estejam preferindo ficar mais em off, ou usar o tempo também fazendo outras experiências ou desenvolvendo outros projetos. Mas nunca se ouviu tanto contrabaixo pela Internet, como nessa pandemia, e isso é ótimo, pq relaxa pra quem precisa relaxar, acrescenta experiências novas pra quem procura por elas, e faz refletir sobre a vida, sobre a Música ou sobre o contrabaixo, pra quem se pega pensando num sentido pra vida nesse momento. Boa sorte, sucesso e abraços contrabaixísticos pra você!!!

André Caraméz Guitarrista em Sorocaba/ SP

Não sou bom nisso , mas sei que tenho saudade do silêncio de antes , embora me faz bem essa diminuição da velocidade da vida, o coração amorna mais nosso corpo . Tenho positividade nesse novo momento, sinto que temos mais oxigênio limpo pra respirar , as vezes sinto coisas que né apertam o peito e aí não dá outra, vou buscar no som das músicas acalmar os meus sentimentos .

Arturo Blasco – Guitarrista e Profesor en Barcelona (Cataluya/ES)

Los 87 pasos en silencio

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFC

Los 87 pasos en silencio en el terrao del edificio, dando vueltas como un preso, oyendo y hablando con los mirlos... Blackbirds... Recordando Beatles, el cuarteto de John Coltrane, silencio de rutina de submarino, solo el sonar, el metronomo que pongo de vez en cuando para acostumbrarme a los tiempos muy lentos.

Meditar, leer y más silencio de paseo en el terrao... 2 largos meses... Tras tres meses paseo diario con mascarilla cada día y tocar los temas de vez en cuando, míos o de otros, para automatizar la musicalidad, tocar, jugar, oír poco y muy muy bueno... Coltrane. Ahora cuesta salir de esta rutina, pero iremos saliendo... Me alegro de que se acabe la musica de los putos balcones para amenizar y animar, la verdad yo no lo necesitaba, salgo cada dia a las 8 de la tarde a aplaudir a los sanitarios y a los 4 minutos padentro y silencio maravilloso y terrorificas noticias in *my fuckin tv set*.



Figura 1 Discografia de Arturo Blasco para a pandemia

[Sobre]viver ao silêncio da cidade, confinado em espaços, por vezes reduzidos, nos traz outras perspectivas sonoras. Quando o silêncio é proposital, como no caso de John Cage na câmara anecóica em 1952 na qual pode ouvir três sons: o agudo de seu sistema nervoso e o grave do seu sangue em circulação e o silêncio ou o “13° som” , ou ainda em 4’33”, peça na qual um pianista entra no palco, senta-se em seu piano de calda e permanece em silêncio e parado. A música é feita pela plateia que ri, tosse, boceja, bufa, enfim, expressa-se: “Nenhum som teme o silêncio que o ex-tingue e não há silêncio que não seja grávido de som” (CAGE, 1985, p. xiv). Espantados, nos perguntamos: Quantas vezes já usamos essa mesma passagem em nossas conversas, artigos e aulas? Silêncio múltiplo. PSIA!!

Conversando e re-lendo as notas das amigas e amigos sentimos a geograficidade em suas palavras e sensações. Ou seja, “a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo. Enquanto base da existência, a associação entre geograficidade, lugar e paisagem” (DARDEL, 2011, p. xii). Desde o seu confinamento no lugar, construíram uma paisagem própria, aquela à qual Lô Borges/Fernando Brant nomearam de “Paisagem na Janela” (1972) :

Da janela lateral do quarto de dormir
 Vejo uma igreja, um sinal de glória
 Vejo um muro branco e um voo pássaro
 Vejo uma grade, um velho sinal
 Mensageiro natural de coisas naturais
 Quando eu falava dessas cores mórbidas
 Quando eu falava desses homens sórdidos
 Quando eu falava desse temporal
 Você não escutou
 Você não quis acreditar

E tal paisagem é a própria totalidade que os colocou no mundo, concluiu uma existência e, dessa forma, foi o momento que os colocou como habitantes da Terra. Não era uma paisagem para se olhar, mas “a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 2011, p. 32).

O olhar-viver confinado manifestou o Ser com e para os Outros, pudemos descobrir-nos reconhecendo as dificuldades de todos. Talvez, por isso, a insistência das mídias em reforçar o fato da união na distância.

2 ¿OS ACORDÁIS?

Das inúmeras canções que apareceram durante a pandemia, a do músico espanhol Albert Plà possibilitou nosso reconhecimento nas palavras, nas propostas. “Esta canção foi feita durante a pandemia do Covid19 e é tão comprida como o tempo que durou o confinamento. Albert Plà reflexiona com ironia o impacto que teve a crise do coronavírus mundialmente” (PLÀ, 2020).

No total essa canção dura 10:21 minutos e foi lançada no dia 01 de julho de 2020 pela plataforma Youtube. Desde então, estão registradas 76.562 visualizações, para 2500 ‘Gostei’ e 62 “Não Gostei”; 232 comentários, sendo o primeiro imediatamente a publicação e o mais recente no dia 8 de outubro de 2020. Isso pode ter rendido, aproximadamente de US\$ 76,56 a US\$ 383, caso o músico tenha configurado a monetarização do seu canal. Entretanto, não nos parece importante esses números, uma vez que são meras curiosidades de uma obra. Uma vez que por 70 € é possível agendar pelo whatsapp um show com duas músicas, ao vivo, do cantor. A agenda de setembro 2020 esteve completa e, no dia 10 de outubro, tínhamos apenas 16 horários disponíveis. “Albert Pla da un paso más allá del streaming, un gran paso para él y ningún paso para la humanidad”, informa o site do músico.

Da canção ¿Os acordáis? fizemos uma releitura gráfica, com base na ênfase das palavras cantadas e sua distribuição no clipe oferecido pelo Youtube. Ao todo foram 14 páginas para toda a poesia. Mas aqui “escolhemos”, aleatoriamente, partes dela colocando o word em layout de impressão reduzido a 10 % para não sabermos exatamente o que estava escrito e eliminamos as 9 páginas.

A amostragem gráfica da canção ficou assim:

¿Os acordáis?

el mundo cambió mucho
y cuando digo que el mundo cambió mucho
no lo digo por decir
lo digo en serio
que de pronto el mundo
se volvió loco
muy loco

PERDIDO

¿Os acordáis?

fue todo tan repentino
todas las cosas del mundo
de pronto cambiaron de sitio

¿Os acordáis?

todos estábamos perdidos
ese día todos
amanecemos
en países distintos

PAISAJES INAUDITOS

LUGARES REMOTOS

QUÉ INSIGNIFICANTES SOMOS

NOS
CAMBIARON
LAS COSAS
DE SITIO

CON NOSOTROS
DENTRO

¿Os acordáis?

HUBO CONFUSIÓN E HISTERIA
PARECÍA MENTIRA
Nadie lo comprendía

éramos como
hormiguitas
cuya cabecita
no explica
el pie que las pisa
somos tan
PEQUEÑITAS

ESO NO
SE ENTENDÍA

¿Os acordáis?

BERLÍN ESTABA EN LA CHINA
LAS PERSONAS
DE SEVILLA

AMANECIERON
EN HUNGRÍA
ROMA ESTABA

Y HELSINKI
EN IGUAZÚ

Y MOSCÚ...
ESO NO LO SABES NI TÚ...
ESO NO LO SABES NI TÚ...
Y MOSCÚ...
ESO NO LO SABES NI TÚ...
¿Os acordáis?
el mundo cambió mucho
y cuando digo que el mundo cambió mucho
no lo digo por decir
lo digo en serio
PORQUE DE PRONTO
EN
KYOTO

UN vikingo
en Malibú

y ALBURquERquE
EN TUCBUCTÚ

Y EL PERÚ...
ESO NO
LO SABES
NI TÚ...
Y EL PERÚ...
ESO NO
LO SABES
NI TÚ...
SE PENSABAN
LOS HUMANOS
QUE SI SE PONÍAN
DE ACUERDO
SI LUCHABAN
TODOS JUNTOS
PODRÍAN DOMINAR
EL MUNDO
¿Os acordáis?
Fue un completo fracaso

ese mundo
que antes era todo nuestro
ESE MUNDO
DEL QUE NOS CREÍAMOS
LOS DUEÑOS
SIMPLEMENTE
SEGUÍA GIRANDO
SIN NUESTRO PERMISO

LOS reyes
quedaron
sin
REINO

RAZONAR ES DE TONTO
Y NOSTROS TAN LOCOS

LOS SABELOTODO
HUMILLADOS

LOS CIENTÍFICOS
MAS LISTOS
PARECÍAN
TONTITOS

NO
NO SOMOS NADA
NO
NO SOMOS NADA
NO
NO SOMOS NADA
NO SOMOS NADA
NO SOMOS NADA
CANTABA
UNA
CANTANTE
nacida
en Alicante
En Alicante

que la culpa era de ella

**VAYA MIERDA
DE PLANETA**
otros simplemente dijeron:
LA TIERRA ESTÁ ENFERMA

no era
un simple planeta
relleno de
pedras
y lava
y de fuego
y arena

¿Os acordáis?

El mundo cambió mucho
 Y cuando digo que el mundo cambió
 mucho
 No lo digo por decir, lo digo en serio
 Que de pronto el mundo se volvió loco,
 muy loco, perdido
 ¿Os acordáis?
 Fue todo tan repentino
 Todas las cosas del mundo de pronto
 cambiaron de sitio
 ¿Os acordáis?
 Todos estábamos perdidos
 Ese día todos amanecimos en países
 distintos
 Paisajes inauditos, lugares remotos
 Y qué insignificantes somos
 Nos cambiaron las cosas de sitio con
 nosotros dentro
 ¿Os acordáis?
 Hubo confusión e histeria
 Parecía mentira, nadie lo comprendía
 Éramos como hormiguitas cuya
 cabecita
 No explica el pie que las pisa
 Somos tan pequeñitas
 Eso no se entendía
 ¿Os acordáis?
 Berlín estaba en la China
 Las personas de Sevilla amanecieron en
 Hungría
 Roma estaba en Katmandú y Helsinki
 en Iguazú
 Y Moscú, eso no lo sabes ni tú
 Y Moscú, eso no lo sabes ni tú
 ¿Os acordáis?
 El mundo cambió mucho
 Y cuando digo que el mundo cambió
 mucho
 No lo digo por decir, lo digo en serio
 Porque de pronto los continentes y los
 mares
 Los desiertos y los glaciares
 Las montañas y ríos y bosques y selvas
 Y valles, pantanos y estepas

También se sumaron al caos
 Y eligieron cambiarse de sitio
 No hubo terremotos ni ningún
 cataclismo
 Fue todo suavcito, fue como un
 susurro suspirado al oído
 ¿Os acordáis?
 París estaba en el Congo
 Las personas de Estocolmo
 amanecieron en Kyoto
 Un vikingo en Malibú y Albuquerque
 en Tombuctú
 Y el Perú, eso no lo sabes ni tú
 Y el Perú, eso no lo sabes ni tú
 ¿Os acordáis?
 ¿Recordáis el Everest?
 Que se alzaba como un dios en frente
 de Jerusalén
 Faltaba fe, faltaba fe para entender
 ¿A dónde vamos? ¿De dónde venimos?
 De donde veníamos todos parecíamos
 tenerlo muy claro
 Pero hacia dónde vamos ya era un
 Asunto un poquitito mucho más
 delicado
 ¿Os acordáis?
 Fue todo tan asombroso
 A algunos nos pareció realmente
 gracioso
 Incluso divertido, ver el mundo tan
 cambiado
 Y nos reímos un poco
 Pero pronto nos dejamos arrastrar por
 el pesimismo
 Y nos juntamos al resto de humanos
 Pa' poder resolver el maldito misterio
 ¿Os acordáis?
 Éramos tan vanidosos
 Se pensaban los humanos que si se
 ponían de acuerdo
 Si luchaban todos juntos, podrían
 dominar el mundo
 ¿Os acordáis?
 Mejor voy a repetirlo
 Se pensaban los humanos que si se

ponían de acuerdo
 Si luchaban todos juntos, podrían
 dominar el mundo
 ¿Os acordáis?
 Fue un completo fracaso
 A ese mundo que antes era todo
 nuestro
 A ese mundo del que nos creíamos los
 dueños
 Simplemente seguía girando sin
 nuestro permiso
 Razonar es de tontos y nosotros tan
 locos
 Exprimiendo los sesos muy serios
 Tozudos y muy concienzudos
 Levantando las manos suplicándole al
 cielo
 Y pidiendo socorro
 ¿Os acordáis?
 Cómo gritábamos socorro
 Como pide socorro piando un pobre
 pajarito
 Como pollos descabezados
 profundamente humillados
 Estábamos desubicados, 'tábamos
 desparramados
 Todos desordenados errando por el
 globo terráqueo
 Sin razón ni motivo, sin sentido ni
 rumbo
 Sin meta ni destino, ni objetivo ninguno
 Sin ton ni son, sin ton ni son
 Sin ton ni son, sin ton ni son
 ¿Os acordáis?
 Washington estaba en Japón
 El Titicaca en Arabia y el Danubio en
 Groenlandia
 Los cosacos en Kabul y pigmeos en
 Cancún
 Y Estambul, eso no lo sabes ni tú
 Y Estambul, eso no lo sabes ni tú
 ¿Os acordáis?
 El mundo cambió mucho
 Algunos nos adaptamos, algunos más
 que otros
 Unos más y otros menos, unos poco,
 otros mucho

Y otros como buenamente pudieron
 Los que algún día fueron dueños de
 algo
 Fueron desvalijados
 Los que alguna vez se sintieron muy de
 algún sitio
 Lo pasaron peor que ninguno
 Los líderes del mundo perdieron el
 rumbo
 Los charlatanes se quedaron mudos
 Los falsos profetas fueron
 desenmascarados
 Se cayeron sus dioses de barro
 Los reyes quedaron sin reino
 Los sabelotodo, humillados
 Los científicos más listos parecían
 tontitos
 No, no somos nada
 No, no somos nada
 No, no somos nada
 No somos nada
 No somos nada, cantaba una cantante
 Nacida en Alicante
 En lo alto de los Andes
 ¿Qué es una persona sin la gente que
 ama?
 ¿Qué es el futuro si de tu pasado ya no
 queda nada?
 ¿Qué es un político sin un
 guardaespaldas?
 ¿Qué es un militar sin sus armas?
 ¿Qué es un científico sin vacuna?
 Recitaba un poeta bajo la luz de la luna
 ¿Os acordáis?
 Fue una auténtica tragedia
 Un gran drama en clave de comedia
 Una farsa donde la gente interpreta el
 papel
 De aquel que siempre tropieza dos
 veces
 Con la misma piedra
 Siempre pasa lo que no te esperas
 Nada sale como uno desea
 Nunca sabes dónde te equivocas
 Pero eso ya a nadie le importa
 Porque todo se puede volver en tu
 contra sin darte ni cuenta

¿Os acordáis?
 Se nos cortó la mayonesa
 Pues nuestra querida Tierra nos
 guardaba otra sorpresa
 De repente las personas éramos de otra
 manera
 La gente cambió de forma
 Ya no eran como eran
 ¿Os acordáis?
 Niños con dos cabezas
 Otros con el pie en la oreja
 Y otro el pito entre las cejas
 Una mano en Malibú y el corazón en
 Tombuctú
 ¿Qué harías tú? Eso no lo sabes ni tú
 ¿Qué harías tú? Eso no lo sabes ni tú
 ¿Os acordáis?
 Fue un gran galimatías
 A pesar de que algunos pidieron
 perdón a la Tierra

Pachamama, Mama Tierra
 Otros dijeron que no, que la culpa era
 de ella
 Vaya mierda de planeta
 Otros simplemente dijeron la Tierra
 está enferma
 No era un simple planeta relleno de
 piedras
 Y lava, y de fuego y arena
 Era un pobre ecosistema que tenía sus
 propios problemas
 ¿Cómo estaba el planeta?
 Estaba majareta
 ¿De qué sirven los medicamentos si
 nadie comprende el prospecto?
 Cuidado que esto se acaba (¿De qué
 sirve una noche de invierno?)
 Cuidado que esto se acaba, se acaba, se
 acaba (¿De qué sirve una noche de
 verano?)

3 HAVERÁ PÓS PANDEMIA, NOVO NORMAL, UM NOVO NÓS?

“Sabendo que era proibido deitar na grama, deitou e rolou. Afinal, se este é o nosso único mundo, caralho, vamos viver com alegria. Estou sentado no hospital público tentando me curar de um V.D.” (BARROSO, 2019, p. 49).

O silêncio musical na cidade em 2020 trouxe possíveis reflexões, nem sempre levadas adiante pelo cansaço dos dias. A paisagem que nos coloca no mundo como ser-e-estar-no-mundo, também nos satura com seus detalhes, antes invisíveis. A alegria de viver proposta por Júlio Barroso remete ao viver sem querer controlar tudo, mas deixando a vida fluir e levar seu curso.

Aqui, para um final necessário, as perguntas continuam abertas e as respostas esperadas no longo dia-noite da quarentena. Quem puder... fique vivo. O novo normal, [A]normal será ser/estar. a pós pandemia, dialeticamente a nova pré-pandemia.

Que o silêncio nos ensine e não nos cale ainda mais. Milton Santos dizia que espaço virtual era só uma metáfora, “pois se é espaço, não é virtual”, mas “o uso da metáfora, da imagem, não pode ser vetado. Será bom, todavia, no mundo que é

movido por tantos enganos e percepções fragmentadas, que isto seja claramente entendido”. E completa: “uma coisa é a importância dessas formas de ser da informação, tão úteis à construção cotidiana da história, cuja aceleração autoriza, como é o caso do espaço virtual. Outra coisa são suas denominações” (SANTOS, S/D).

Resta-nos viver cidades, espaços, paisagens, lugares não apenas virtuais.

REFERÊNCIAS

AMIGO, Vicente. **Ciudad de las Ideas** [CD], BMG Music Spain, 2000.

ANTUNES, Arnaldo. **O Silêncio** [CD], BMG Music Brasil, 1996.

ANTUNES, Arnaldo. **Psia**. São Paulo: Expressão, 1986.

BARROSO, Júlio. **A nossa onda de amor não há quem corte**. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2019.

BORGES, Lô, BRANT, Fernando. Paisagem na Janela IN **Clube da Esquina** [CD], EMI, 1972.
CAGE, John. **De segunda a um ano**. Novas Conferências e Escritos. Trad. Rogério Duprat, São Paulo: Hucitec, 1985.

CAOS (verbete). Disponível em: https://unaparolaalgiorno.it/significato/caos?rm=_ Acesso em: 06 out. 2020.

CAZNOK, Yara Borges. **Música**. Entre o audível e o visível. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GRÖNING, Philip. **El gran Silencio** (Die Große Stille) [DVD], KARMA films, 2005. HUGO, Victor. **O Homem que ri**. São Paulo: Martin Claret, 2019.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

PLÀ, Albert. **¿Os Acordais?** Disponível em <https://youtu.be/tpbShHWenNI>. Acesso em: 09 out. 2020.

SANTOS, Milton. Há mesmo um espaço virtual? Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/MILTON%20SANTOS/H%C3%A1_mesmo_um_espa%C3%A7o_virtual__Milton_Santos.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Vazio da Existência**. trad. Rudolf Dircks. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/O-Vazio-da-Exist%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

SOBRE O AUTOR

Paulo Celso da Silva

Pós-Doutor em Geografia pela Universitat de Barcelona. Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7213133481107324>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0494-7408>

E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SILVA, Paulo Celso da. Quando eu vivia e morria na cidade, eu não tinha nada, nada a temer: o silêncio musical nas cidades em 2020. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 13, n. especial, p. 203-219, dez. 2022.

DOI: 10.36517/psg.v13iesp.80659.

RECEBIDO EM: 15/05/2022

ACEITO EM: 21/11/2022

PUBLICADO EM: 31/12/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional